

Este editorial foi escrito em meio à grande sofrimento. Para além da situação do país (e não apenas dele), com os ataques e retrocessos em relação a conquistas de direitos duramente obtidos em décadas de lutas dos movimentos feministas e outros movimentos sociais, estamos de luto na Revista Estudos Feministas, no Instituto de Estudos de Gênero, na Universidade Federal de Santa Catarina. Perdemos Zahidé Lupinacci Muzart, querida amiga e idealizadora de muitas de nossas atividades e parcerias - desde o primeiro Fazendo Gênero, no Seminário de Estudos sobre a Mulher, realizado em 1994, no Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. O nome de Zahidé continua a compor as editorias de Artigos e Resenhas deste número da revista porque ela esteve ativa, como sempre, em todas as decisões e trabalhos desenvolvidos para publicá-lo.

Agora, só podemos falar da falta que ela nos faz.

A partir deste número, a Revista Estudos Feministas deixará de ser impressa e circulará apenas de forma eletrônica. São novos tempos para os periódicos acadêmicos, e, embora já tenhamos saudades da nossa linda revista em papel, sabemos que é na forma eletrônica que ela circula mais amplamente. Por outro lado, isso nos permitirá, aos poucos, acolher ilustrações coloridas, mudar algumas normas, buscar inovações. Esperamos manter a qualidade e também a beleza da revista. Mas vamos aos artigos desta edição:

No artigo "As mulheres praticando ciência no Brasil", as pesquisadoras Márcia Gorett Ribeiro Grossi, Shirley Doweslei Bernardes Borja, Aline Moraes Lopes e Aleixina Maria Lopes Andalécio mostram como as desigualdades ainda imperam no campo das ciências no Brasil, com relação à participação das Mulheres. Realizando uma pesquisa a partir de quase cinco mil currículos Lattes de mulheres que defenderam doutorados entre 2000 e 2013, bem como de outros documentos, as autoras mostram que, apesar de um crescimento constante da participação das mulheres no campo científico brasileiro, ele ainda se circunscreve a determinadas áreas de estudo, sendo sua participação incipiente em outras, além de outras desigualdades.

Em "Las bases epistémicas de la concepción feminista de la ciudadanía", a pesquisadora chilena Mariana Valenzuela faz uma discussão sobre as contribuições das teorias feministas para o conceito de cidadania, a partir do questionamento da ideia de um sujeito universal. Apesar de este ser um tema recorrente na discussão feminista, a autora discorre sobre ele com clareza, construindo uma argumentação que mostra a relação entre essa



Esta obra está sob licença *Creative Commons*.

concepção do sujeito universal com a divisão entre espaço público e privado e a exclusão das mulheres como sujeitos políticos.

O artigo "Mulheres que amam demais: conjugalidades e narrativas de experiência de sofrimento", de Mônica Monteiro Peixoto e Maria Luiza Heilborn, traz um estudo antropológico sobre integrantes dos grupos de ajuda mútua, intitulados "Mulheres que amam demais", sediados na cidade do Rio de Janeiro, a partir de entrevistas com mulheres entre 40 e 50 anos, em sua maioria. As narrativas assinalam a dedicação intensa ao relacionamento; necessidade de controle do parceiro; medo da solidão; e sentimento de "baixa autoestima". Essas mulheres parecem reatualizar um modelo de comportamento feminino tradicional, apesar de sua familiaridade com a proposta igualitária de conjugalidade. O estudo conclui que a perspectiva relacional de gênero conduz à análise do material, evidenciando as formas como as condições culturais modelam a conjugalidade heterossexual e a construção do "amar demais".

Em "Migrantes por amor? Ciclo de vida, gênero e a decisão de migrar em diferentes fases da vida", Viviane Kraieski de Assunção fala de pesquisa que realizou com mulheres brasileiras que migraram para a Holanda em função de seus relacionamentos amorosos com homens daquele país. A autora desenvolve reflexões sobre migração, ciclos de vida, conjugalidade, amor e maternidade, enfatizando a idealização do amor materno para as mulheres pesquisadas, fator importante em relação às suas tomadas de decisão sobre os processos de migração para outro país, permanência neste, ou retorno ao Brasil.

O artigo "Famílias de setores populares e escolarização: acompanhamento escolar e planos de futuro para filhos e filhas", de Marília Pinto de Carvalho, Tatiana Avila Loges e Adriano Souza Senkevics, apresenta pesquisa feita pela autora com mães, pais, professoras, crianças e jovens de ambos os sexos sobre as diferenças no desempenho escolar de meninos e meninas, em favor destas. Com o mérito de dialogar com muitas/os autoras/es de estudos realizados em diferentes momentos em diversas regiões do país e em outros países, a autora contesta alguns dos pressupostos e resultados destes, buscando, nos próprios meninos e meninas, as razões para as diferenças de seus desempenhos na escola. Argumenta que a disciplina exigida pelo trabalho doméstico parte da socialização das meninas e deve ser considerada na disposição que apresentam na escola pelo trabalho organizado e sistemático. Ao mesmo tempo, supõe que o envolvimento dos meninos com as ocupações pouco qualificadas dos pais pode estar relacionado com as exigências do papel masculino de provedor, contribuindo para relações mais conflituosas deles com a escola, independente de investimentos ou perspectivas maiores de mães e pais na educação dos filhos homens.

— | |

— | |

Maria Raquel Pozzio, em sua abordagem “La gineco-obstetricia en México: entre el ‘parto humanizado’ y la violencia obstétrica”, traz, como ponto de partida, a feminização da especialidade e as posturas que se têm tomado diante do parto humanizado, que ela denomina de abertas, intermediárias e de resistência e como esses caminhos buscam diminuir a violência obstétrica. A análise das explicações e reações das mulheres obstetras, pela perspectiva do gênero como construção e da antropologia como método, leva a estabelecer relações entre a feminização da especialidade e a problematização da violência obstétrica e como esse é um caminho para a compreensão dos alcances e limitações do processo da feminização da própria profissão médica.

“Ilusões de escolha: experimentando testes pré-natais” é o título do artigo de Barbara Katz Rothman, traduzido por Berenice Bento, no qual procura demonstrar que os testes pré-natais para anomalia fetal fazem o que a medicalização frequentemente faz: individualiza os problemas sociais e coloca a responsabilidade de gerenciá-los sobre os ombros de mulheres individuais. Em síntese: quando o diagnóstico revela que a criança nascerá com algum tipo de deficiência, recai sobre a mulher a responsabilidade da “escolha”: interromper a gestação ou arcar com as responsabilidades de ter uma criança que não terá nenhum tipo de apoio e assistência que possam garantir sua qualidade de vida. Na perspectiva das ciências sociais, em que é feita a análise, a autora conclui que esses dilemas são social, política e economicamente construídos.

No artigo “Amores e vapores: sauna, raça e prostituição viril em São Paulo”, Élcio Nogueira dos Santos e Pedro Paulo Gomes Pereira apresentam reflexões sobre pesquisa realizada em uma sauna de São Paulo, com um rico relato do trabalho de campo. Utilizando aportes de Michel Foucault e dialogando com autores que produziram estudos sobre homossexualidade masculina no Brasil, Santos e Pereira dirigem seu foco de análise para a questão racial, discutindo os temas do corpo, cor, branqueamento, preconceito. Mostrando que a pesquisa realizada na sauna deixa perceber uma valorização hierarquizada da cor da pele, em que o homem “moreno” equivale à representação da “mulata” no imaginário brasileiro e o cliente negro é evitado pelos boys, os autores concluem que o desejo é racializado nesses espaços que classifica como heterotopias de corpos inconformes.

No artigo que fecha esta seção da REF, “Voz da natureza e da mulher na RESEX de Canavieiras-Bahia-Brasil: sustentabilidade ambiental e de gênero na perspectiva do ecofeminismo”, os autores e autoras Jhader Cerqueira do Carmo, Mônica de Moura Pires, Guilhardes de Jesus, Aniram Lins Cavalcante e Salvador Dal Pozzo Trevizan analisam a questão da sustentabilidade ambiental de uma Reserva Extrativista na Bahia, mostrando



como o empoderamento das mulheres extrativistas pode ser um caminho para essa sustentabilidade, na medida em que, assim, são valorizados trabalhos e atividades que respeitam e bem aproveitam os recursos ambientais, sem destruí-los. Ao empoderar mulheres, através de projetos de extensão e formação, a sustentabilidade é também alcançada.

A entrevista realizada por Antonio Cristian Saraiva Paiva e Elias Ferreira Veras com o sociólogo Oscar Guasch, da Universidad de Barcelona, destaca a contribuição do pesquisador espanhol para o desenvolvimento dos estudos sociológicos sobre homossexualidade e masculinidade na Espanha, desde o início da década de 1980. O entrevistado fala de sua obra, da posição dos estudos espanhóis em relação àqueles desenvolvidos em outros países europeus e nos Estados Unidos nas décadas passadas, e distingue diferentes gerações de pesquisadores sobre esses temas na Catalunha. Ao final da entrevista, explicita algumas de suas divergências com as/os teóricas/os queer no cenário mais recente dos estudos de sexualidades em seu país.

A Seção de Artigos Temáticos "Almanaque de representações", organizada por Eliane Campello e Tânia Regina de Oliveira Ramos, é composta por nove artigos, cujos temas giram em torno de textualidades imagéticas e discursivas, como um almanaque de representações históricas e ficcionais de mulheres significadas pelo feminismo em contextos teóricos e críticos: a imprensa feminina no final do século XIX, as mocinhas heroínas dos anos 1950-1960, os tons de cinza, a bela e a fera, Lilith e Eva, modelos de feminidade, Luciana de Abreu e as pragmáticas íntimas que passam, igualmente, pela linguagem, pela subjetividade e pelo gênero.

A resenha publicada nesse número da REF foi uma das últimas que Zahidé Lupinacci Muzart, junto às colegas da editoria que coordenava, aprovou e nos enviou para edição. Desejamos que, como ela, sempre curiosa em relação a tudo que se publica no país e além mares sobre gênero, mulheres, diferenças, direitos, literatura e infinitos temas, tenham boas leituras e informações. Uma das resenhas, "Quando escrever e bordar são práticas políticas!", apresenta um livro publicado pela Editora Mulheres em 2015, organizado por Cláudia Maia e Vera Puga, "História das Mulheres e do Gênero em Minas Gerais".

A Editora Mulheres, que iniciou suas atividades com as publicações das coletâneas do Encontro Fazendo Gênero, assumiu a coordenação editorial dos primeiros números da Revista Estudos Feministas, após sua viagem do Rio a Florianópolis (do Vol. 7, N. 1 e 2/ 1999, ao N. 1 do Vol. 10 de 2002). Com a reestruturação editorial da REF (Minella), que procurou envolver todo o grupo de pesquisadoras em gênero e feminismo da UFSC, em uma distribuição mais equitativa do trabalho voluntário que sua publicação requer, Zahidé passou a compor a editoria de resenhas, onde se manteve desde 2004 (Vol. 12, N. 2) até



novembro de 2015. Quando a editoria de artigos tornou necessária a participação de um número maior de editoras, Zahidé foi convocada para mais esta função, em que permaneceu também até novembro (Vol. 16, N. 1/ 2008 a este N. 1 do Vol. 24/ 2016).

Com relação às capas da REF, que requerem sensibilidade para artes, boas escolhas, o trato com artistas catarinenses, brasileiras/os, internacionais, também sempre pudemos contar com seu bom gosto e os esforços de comunicação com as/os autoras/es das imagens. Com sua editora, os produtos desses momentos de trabalhos, reuniões e trocas coletivas são parte do que Zahidé nos deixou, e a todas/os as/os leitoras/es, assinantes e autoras/es da REF.

Cristina Scheibe Wolff
Mara Coelho de Souza Lago
Tânia Regina de Oliveira Ramos